

DESUMANIZAÇÃO E SUBCIDADANIA EM *VIDAS SECAS*

ADRIAN DA SILVA VIEIRA LEITE

Discente do curso de Licenciatura em Letras
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Campus de Jequié, Bahia, Brasil

Contato: adrianvieira126@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com enfoque na falta de identidade dos personagens “menino mais novo” e “menino mais velho”. O objetivo deste trabalho é analisar como a ausência de nomes próprios simboliza a subcidadania e refletir como a falta destes desumaniza os indivíduos que vivem nas margens da sociedade, especificamente no contexto do sertão nordestino brasileiro. A ausência de identidade é interpretada como uma representação da perda de individualidade e reconhecimento, comuns entre os mais pobres e marginalizados. A análise se apoia em teorias literárias e sociológicas para contextualizar a escolha narrativa de Graciliano Ramos e mostrar como esses personagens são usados para ilustrar a universalidade do sofrimento e da opressão experimentada pelas crianças em situação de extrema pobreza, amplificando a crítica social presente no romance.

Palavras-chave: Vidas Secas. Desumanização. Subcidadania. Identidade. Pobreza.

159

1. INTRODUÇÃO

Em *Vidas secas*, a falta de identidade do menino mais novo e do menino mais velho reforça a desumanização desses personagens, o que reforça a condição de anonimato e invisibilidade social em que vivem. A opressão e a falta de perspectiva que acomete a família de retirantes simbolizam a perda de identidade das pessoas que vivem em condições de

extrema pobreza e isolamento no sertão nordestino. Quando não os nomeia, Graciliano Ramos transforma os meninos em representações das crianças que vivem em situações semelhantes, reforçando a crítica social presente na obra. A falta de nomes próprios destaca a falta de reconhecimento que essas crianças enfrentam, tanto pela sociedade quanto pelos próprios pais, que, por causa das dificuldades do ambiente, acabam por não desenvolver vínculos afetivos profundos com seus filhos.

Sob esse mesmo ponto de vista, a falta de identidade do menino mais novo e do menino mais velho é um tema que reflete a dureza do sertão nordestino e a vida desumanizada que a família de retirantes enfrenta. Isso se expressa de várias maneiras, ao longo do romance. Os meninos são referidos apenas como “menino mais novo” e “menino mais velho”, indicando a falta de individualidade e a perda de identidade pessoal. A ausência de nomes próprios, símbolo da despersonalização e da invisibilidade social atinge a grande maioria dos pobres no sertão. A prática de nomear é fundamental para a organização social, para a comunicação e para o estabelecimento de relações interpessoais. Desde os tempos antigos, a nomeação tem sido uma ferramenta essencial para distinguir indivíduos, atribuir-lhes identidade e papel social, visto que os nomes carregam significados culturais, históricos e familiares, refletindo a origem, as tradições e os valores de uma comunidade ou família.

Um nome próprio é mais do que uma simples caracterização: ele é fundamental para o sentido de identidade e de pertencimento de uma pessoa. Quando um indivíduo é privado de seu nome, ocorre uma série de consequências que afetam sua humanidade e dignidade. Ao nos remetermos aos conceitos de identidade e individualidade de uma pessoa, pensamos nos elementos que o constituem e um destes é o seu nome próprio, sem um nome o sujeito é reduzido a uma condição anônima, perdendo o reconhecimento de sua singularidade. Ademais, o nome permite que os outros se identifiquem, se relacionem e interajam com os indivíduos. O nome também está associado aos direitos básicos e à

dignidade humana, através deste a pessoa é reconhecida como tal e pode acessar serviços sociais básicos. Nesse sentido, este artigo visa refletir como a ausência de nomes próprios simboliza a subcidadania e a desumanização dos indivíduos que vivem às margens da sociedade, especificamente no contexto do sertão nordestino brasileiro.

2. *VIDAS SECAS* OU A VERDADE HISTÓRICA FICCIONALIZADA

Vidas secas é um romance, escrito por Graciliano Ramos, inserido no contexto do regionalismo. Este romance retrata a vida de uma família nordestina de retirantes e mostra a precariedade do contexto no qual estão inseridos. A família é composta por Fabiano, um vaqueiro analfabeto, sua esposa Sinhá Vitória, os dois filhos, um papagaio e a cadela Baleia. Eles enfrentam a seca, a pobreza extrema e a exploração. A obra é dividida em capítulos curtos, sua estrutura reflete a fragmentação e a repetição da vida no sertão, com cada capítulo funcionando quase como um conto autônomo, mas interligado pelo fio condutor das dificuldades da família. A linguagem usada nessa narrativa é seca e direta, sem ornamentações desnecessárias, refletindo a realidade do sertão. 161

Vidas secas foi escrito na segunda fase do Modernismo brasileiro, marcado por trazer aspectos das realidades do Brasil. Nesta fase do Modernismo, os escritores utilizavam a literatura como ferramenta de crítica social, expondo as injustiças e as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros: “.... os romances desta geração eram voltados principalmente para as causas sociais, exercendo um papel de denúncia e crítica social. Nessa época, a região da seca nordestina estava muito visada e, por isso, tornou-se um tema bastante corriqueiro nas obras” (DUTRA, *apud* FLORENCIO, 2021, p. 335). Compreende-se que os romances do Regionalismo dos anos 30 do século passado eram engajados com as questões sociais da época. Os autores narram histórias, criticando as injustiças sociais, as desigualdades econômicas e as condições de vida

difíceis das populações. As suas obras eram utilizadas como instrumentos de denúncia, trazendo à tona os problemas enfrentados pelos menos favorecidos.

Nessa perspectiva, é fundamental destacar que *Vidas secas* traz uma reflexão situada na literatura da época, mas de modo mais radical: ao deixar claro a ausência dos nomes próprios dos filhos e a presença do nome da cadela da família, o autor aponta o dedo para a desumanização presente na narrativa: os meninos animalizados pela ausência da comunicação, pelos atos bruscos e grunhidos e pela falta de nomes. Ao mesmo tempo, a cadela Baleia participa da história, ajudando a família com a captura das preás para que Sinhá Vitória prepare e a família possa se alimentar. Ao fim, no momento da morte, Baleia é humanizada, revelando ao leitor um aspecto importante da narrativa: a desumanização dos personagens humanos e a humanização da cadela Baleia. Assim, *Vidas secas* apresenta um nordeste esquecido e explorado pelo sistema capitalista em que o pobre é visto como atraso ao desenvolvimento e revela como a precariedade do sertão animaliza essa família e rompe a relação afetiva entre os membros, promovendo a solidão e o isolamento social.

162

3. O MENINO MAIS NOVO E INTROJEÇÃO DA OBEDIÊNCIA CONFORMADORA

Em *Vidas secas* as figuras do Menino Mais Novo e do Menino Mais Velho, são concebidas e descritas de forma dolorosa: a subcidadania e a desumanização dos sujeitos no contexto da extrema pobreza, são categorizadas pela ausência de nomes próprios, um indicativo da marginalização. Nesta seção, apresentam-se as cenas dos capítulos *O menino mais novo* e *O menino mais velho* com o intuito de ilustrar os aspectos da subcidadania e da desumanização dos dois meninos. Desse

modo, evidencia-se a invisibilidade social dessas crianças e a brutalidade de suas condições de vida.

A ausência de nomes próprios dos filhos de Fabiano e Sinhá Vitória é um indicativo da desumanização desses personagens. Ao serem referidos apenas como o menino mais velho e o menino mais novo, o autor os apresenta como anônimos e despersonalizados. Essa escolha narrativa reduplica a condição de invisibilidade e insignificância dessas crianças na sociedade e entre os próprios membros da família, como mostra essa passagem da obra:

Sentou-se, apalpou as juntas doídas. Fora sacolejado violentamente, parecia-lhe que os ossos estavam deslocados. Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas (RAMOS, 2013, p. 20).

A descrição da dor física e emocional do filho mais novo, situada no contexto da dinâmica própria da relação familiar, agrava a situação de pobreza e miséria no qual a família está inserida. Ao olhar com raiva para o irmão e para a cachorra Baleia, o menino expressa sua frustração e sentimento de traição. Ele acredita que ambos deveriam tê-lo prevenido, mas não encontra neles nenhum sinal de solidariedade. O irmão ri como um doido, mostrando insensibilidade e, talvez, uma tentativa de lidar com a situação difícil através do riso. A desaprovação da cachorra Baleia sugere um entendimento e empatia que faltam ao irmão. As ações da cachorra Baleia, ao longo de todo o romance, a humaniza, uma vez que, apesar de todas as adversidades do meio, revela ter mais capacidade de raciocínio do que os membros da família.

Baleia, para além do fato de ter um nome, é tratada como uma pessoa, o que já a coloca em um patamar de maior individualização e significância dentro da narrativa. Baleia desempenha um papel ativo na

família, ajudando a encontrar comida e oferecendo apoio emocional. No auge da seca, ela é uma fonte de sustento, ao trazer preás para a família, provando sua utilidade e valor. A humanização de Baleia é latente no momento de sua morte. A cadela sonha com preás, uma visão que carrega uma carga simbólica de esperança e conforto.

Esse sonho final atribui a Baleia uma qualidade humana de reflexão e desejo, tornando sua morte um momento de intensa carga emocional: sua humanização contrastada com a desumanização dos personagens humanos. A ausência de um nome próprio nega a humanização ao ser humano, que passa a ser visto como membro intercambiável de um grupo, ao invés de um ser único. Isso pode ser observado na construção familiar desta família. As crianças, para esta família, são como se fossem um estorvo e também os culpados por todos os problemas. Podemos notar isso, no primeiro capítulo, intitulado *Mudança*, no qual fica evidente que a interação familiar é seca e que Fabiano deseja, inclusive, matar o próprio filho:

164

- Anda, excomungado. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (RAMOS, 2013, p. 6).

A conjuntura social traz elementos que refletem no modo como o pai se relaciona com as crianças. Nesse cenário, o desejo de Fabiano de “matar” o “pirralho” mostra a desumanização que a situação de extrema pobreza e a necessidade podem causar. Ele está tão consumido pela ira e pela frustração que, por um momento, vê a criança como um obstáculo que poderia ser removido, ainda que isso não seja racional. Fica evidente que a relação de Fabiano com o menino mais novo é mediada pelo disciplinamento do corpo. Recorre à violência física para discipliná-lo,

refletindo uma prática comum em contextos de extrema pobreza e sofrimento, onde os métodos de disciplina física são usados tanto como uma forma de controle, quanto como uma expressão de impotência. O uso da violência física serve para impor um controle imediato sobre os corpos das crianças, forçando-as à obediência através do medo e da dor.

As crianças, sob o impacto da violência e da repressão, aprendem a ajustar suas atitudes para evitar punições. Elas internalizam o medo e começam a modificar seu comportamento de acordo com as expectativas dos pais. À medida que as crianças adaptam seu comportamento para se conformar às normas impostas pelos pais, a disciplina física se torna menos necessária, pois a obediência é internalizada. Esse processo fica visível quando uma das crianças tenta conversar com o pai:

[...] uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado: - Esses capetas têm ideias... (RAMOS, 2013, p. 10).

165

Não é difícil, para o leitor daquela época e para o leitor de hoje, entender que a repetição de comportamentos disciplinados e o ambiente opressivo moldam as formas de pensar das crianças. Mais uma vez, em um nível não visível, o controle dos corpos é descrito. As crianças começam a ver o mundo através da lente de suas experiências, aceitando a violência e a rigidez como parte natural da vida.

Com as formas de pensar, moldadas pela disciplina, as ações das crianças são naturalmente moduladas. Elas agem de acordo com as normas internalizadas e esse comportamento reforça a necessidade de disciplinamento contínuo. Os pais observam que suas técnicas de disciplinamento são “eficazes” e continuam a aplicá-las, completando o

ciclo e reiniciando o processo. As crianças neste romance “[...] foram visíveis as modificações nas compreensões, mas também ficaram evidentes as ponderações, as usurpações, as negações [...]” (LIRA, *apud* NUNES *et al.*, 2018, p. 175). Assim, o uso inicial da violência física cria um padrão de controle que se estende às atitudes e aos pensamentos das crianças, perpetuando um ciclo de obediência e conformidade.

4. O MENINO MAIS VELHO E INTROJEÇÃO DA SUBCIDADANIA E DESUMANIZAÇÃO

A representação do menino mais velho em *Vidas secas* revela, de forma contundente, como a miséria estrutural ultrapassa a esfera material e se inscreve subjetivamente nos indivíduos, moldando modos de ser, sentir e perceber o mundo. Sua experiência infantil é atravessada pela precariedade extrema, que limita não apenas o acesso a direitos básicos, mas também o desenvolvimento simbólico e linguístico – dimensões essenciais para a construção da humanidade. Nesse viés, a infância do menino aparece marcada pela introjeção silenciosa da subcidadania: ele cresce em um ambiente onde o diálogo é rarefeito, o afeto é mediado pela urgência da sobrevivência e a palavra, elemento constitutivo do humano, se encontra empobrecida. Desse modo, o processo de desumanização não é imposto apenas de fora, mas também internalizado pela criança, cujas dificuldades de expressão, compreensão e comunicação revelam a naturalização da violência estrutural que o cerca.

Deu-se aquilo porque Sinhá Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de sinhá Terta, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigia uma descrição, encolheu os ombros. O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola. – Bota o pé aqui. A

ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço com a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou em seguida a forma do calçado e bateu palmas: – Arreda. O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou à cozinha, foi pendurar-se à saia da mãe (RAMOS, 2013, p. 21).

A cena descrita no fragmento acima pode ser analisada sob a perspectiva de subcidadania e desumanização. A referida cena oferece uma visão sobre como as condições de extrema pobreza e marginalização afetam a dignidade humana e as relações interpessoais. A subcidadania, nesse enquadramento, refere-se à condição de indivíduos que não têm acesso aos direitos básicos que garantem condições de vida digna, embora sejam formalmente reconhecidos como cidadãos. Essa ausência de reconhecimento, algo que não acontece com o menino mais novo e o menino mais velho, entende-se a todos os que não são registrados civilmente. O menino mais velho não sabe o que é o inferno e busca explicações dos pais. A falta de resposta adequada de Sinhá Vitória e a ausência de qualquer resposta de Fabiano refletem a linguagem precária de ambos, justificada pela precariedade do sertão que conseqüentemente afeta a capacidade discursiva.

Com isso, nota-se que “a carência de linguagem promove a animalização e a incomunicabilidade dos personagens, e que essa carência interfere nas relações interpessoais, promovendo a solidão e o isolamento social” (FLORÊNCIO *et al.*, 2021, p. 340). A linguagem é uma ferramenta essencial para a expressão de pensamentos, sentimentos e para a construção de relações sociais. Na ausência desta, os personagens de *Vidas secas* têm dificuldade em articular suas experiências e necessidades, o que contribui para sua animalização. Vale salientar que a incapacidade discursiva faz com que os personagens sejam comparados a animais, cuja comunicação fica restrita aos instintos básicos e às necessidades imediatas.

Na cena em que o menino mais velho busca informações sobre o inferno e não recebe respostas adequadas dos pais, além de tudo o que já foi dito, ilustra essa incomunicabilidade. A falta de diálogo impede a troca de ideias, não permite a ampliação e o fortalecimento dos laços afetivos. Nota-se que eles não conseguem compartilhar suas angústias e esperanças, o que aprofunda sua solidão. Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos vivem em um mundo em que a palavra é escassa, isso contribui para seu estado de alienação e desumanização. Inclusive, Fabiano, por exemplo, interage com os filhos de maneira funcional, focando em tarefas práticas, a exemplo da ação de medir os pés para fazer alpercatas. A urgência da vida prática impede a criação de espaços para diálogo e para a expressão de afetos.

A carência de linguagem limita a capacidade dos personagens de se conectarem emocionalmente. As relações são superficiais, pois a profundidade emocional e a compreensão mútua requerem uma comunicação eficaz, que está ausente. O menino mais velho “tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender” (RAMOS, 2013, p. 21). Comparar o vocabulário do menino com o de um papagaio sugere uma linguagem extremamente limitada, porque o papagaio é um animal que repete palavras sem compreendê-las completamente, serve como uma metáfora para representar a incapacidade do menino de se expressar de maneira articulada.

A limitação de vocabulário pode ser averiguada no momento em que o narrador relata que o menino recorre a exclamações e gestos para se comunicar, o que denota uma forma de linguagem primitiva e rudimentar. Outrossim, a falta de palavras o força a utilizar meios não verbais para se expressar, aproximando sua comunicação àquela de um animal. Destaca-se, nesse sentido, que “a linguagem possibilita que o ser humano crie mundos e fantasias, visto que a língua é a concretização de

uma experiência histórica e se vincula diretamente com a sociedade” (LUNARDI; KRAEMER, 2005, p. 10). Logo, o sujeito que consegue se comunicar por meio da linguagem verbal pode expressar seus anseios, sensações e sentimentos, aspectos que o tornam humano. Porém, a comunicação entre o menino e a cachorra é mais efetiva do que entre os próprios pais, o que reforça a sensação de desumanização desta família. A carência de linguagem é uma manifestação da desumanização sistêmica enfrentada pelos personagens. Sua condição de subcidadania é perpetuada pela falta de oportunidades para desenvolvimento pessoal e social.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso. – Inferno, inferno. Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim (RAMOS, 2013, p. 22).

169

Nesta cena, observamos que o menino tem dificuldades para falar de forma clara e recorre ao balbucio e repetição de sílabas. A imitação dos sons dos animais e da natureza (berros, barulho do vento, galhos rangendo) demonstra uma comunicação que se baseia na imitação do ambiente ao redor do que na linguagem humana estruturada. Isso significa uma proximidade maior com o mundo natural do que com o mundo humano. O interesse do menino em aprender e transmitir a palavra “inferno” mostra um esforço de se comunicar. O menino mais velho percebe que essa palavra é importante na conversa de sinhá Terta e quer compartilhá-la com seu irmão e sua cachorra. A admiração pela palavra “inferno”, mesmo sem entender seu significado negativo, mostra a

ingenuidade e a curiosidade da criança. Ele vê beleza na palavra pela sonoridade e pela importância que percebe nas conversas dos adultos.

O fato de o menino mais velho imitar sons de animais e elementos naturais reforça a animalização, mostrando que sua expressão linguística está mais alinhada com o instinto e o ambiente do que com uma comunicação humana rica e complexa. Ademais, a sua intenção de transmitir a palavra para Baleia, mesmo sabendo que a cachorra permaneceria indiferente, mostra a comunicação limitada dentro de sua realidade, dado que a interação com Baleia é mais fácil e direta do que com humanos, indicando uma regressão a formas de comunicação primitivas.

A dificuldade de o menino em articular palavras complexas e sua dependência de balbucios e imitações ressaltam a desumanização através da limitação linguística. É privado de uma linguagem completa que lhe permitiria expressar pensamentos e emoções, refletindo uma condição de subcidadania. A ausência de uma educação contribui para essa limitação, deixando o menino mais velho isolado em um ciclo de incomunicabilidade, até porque sua tentativa de aprender e usar a palavra “inferno” é uma pequena rebelião contra esse isolamento, uma tentativa de se conectar com algo maior que ele não compreende completamente. Desse modo, o seu desejo de impressionar seu irmão com a nova palavra “inferno” e provocar inveja mostra uma busca por reconhecimento e conexão, pois quer se destacar e criar um laço, ainda que seja através de uma palavra cujo significado seja negativo.

5. CONCLUSÃO

A análise do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, baseada na falta de identidade dos personagens “menino mais novo” e “menino mais velho”, evidencia como a ausência de nomes próprios simboliza a subcidadania e a desumanização dos indivíduos marginalizados no sertão

nordestino brasileiro. A estratégia de Graciliano Ramos de não nomear esses personagens não é arbitrária, mas é uma crítica às condições sociais e econômicas que despojam os pobres de sua individualidade e reconhecimento. Essa desidentificação serve como uma reflexão sobre a invisibilidade social das classes marginalizadas, destacando como a falta de nome se traduz em uma ausência de identidade e, conseqüentemente, em uma negação de cidadania.

Quando explora a ausência de nomes próprios, percebemos que o autor remove a identidade individual dos meninos, sublinhando sua condição de seres quase anônimos e intercambiáveis dentro de um sistema social opressor. Esta despersonalização espelha a realidade de muitas crianças pobres no Brasil, que são vistas mais como números ou estatísticas do que como indivíduos com sonhos, medos e esperanças. A desumanização se manifesta não apenas na narrativa, mas também nas interações cotidianas dos personagens, na qual a comunicação é reduzida a balbucios, gestos e sons, evidenciando a carência de um desenvolvimento linguístico e intelectual pleno.

171

A análise literária e sociológica das escolhas narrativas – algo presente ao longo de toda a obra – indica uma crítica às estruturas de poder que perpetuam a pobreza e a marginalização. A falta de nomes próprios funciona como uma metáfora para a ausência de voz dos pobres no sertão. Ao não dar nomes aos meninos, o autor universaliza as experiências de opressão, permitindo que esses personagens se tornem representações das crianças que vivem em situações de extrema pobreza.

A subcidadania dos personagens de *Vidas secas* é intensificada pela linguagem rudimentar e pelas interações limitadas que categorizam suas vidas. A falta de linguagem impede a formação de uma identidade e limita as possibilidades de desenvolvimento pessoal e social. Ademais, a falta de nomes próprios para o menino mais novo e menino mais velho, em *Vidas secas* é uma escolha narrativa que simboliza a subcidadania e a desumanização de todos os pobres no sertão nordestino. Assim, por

intermédio desta análise, podemos refletir sobre o sofrimento das crianças em situação de pobreza extrema, destacando a urgência de reformas sociais e econômicas.

REFERÊNCIAS

FLORENCIO, Roberto Remígio, *et al.* A desumanização dos personagens de “Vidas Secas” como elemento da exploração social. *Afluentes*, v.6, n.17, jan./jun. 2021, p. 333-348.

LUNARDI, Márcia Lise. KRAEMER, Graciele Marjana. **Língua, cultura e identidade**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005. [Recurso didático Online].

NUNES, Maristela Aparecida; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DOMINICO, Eliane Dominico. A representação da infância no romance *Vidas Secas*: as crianças que sentem e pensam. *Interfaces*, v. 9, n. 4, out./nov./dez., 2018, p. 166-177.

172

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 120 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ADRIAN DA SILVA VIEIRA LEITE

<https://lattes.cnpq.br/5166593118674985>